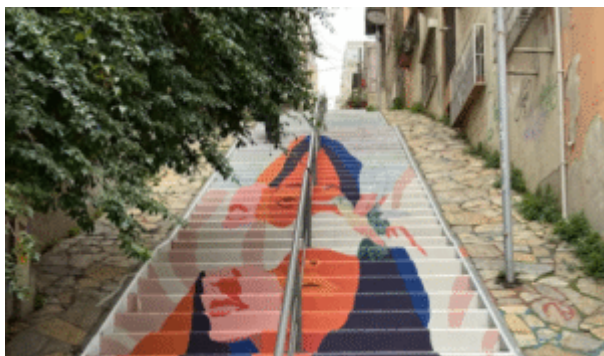


Florestan Fernandes e o lugar de fala



Por **PAULO FERNANDES SILVEIRA***

A biografia ímpar de Florestan forjou uma sociologia na fronteira entre o rigor acadêmico e a experiência visceral da pobreza, antecipando o debate contemporâneo sobre quem tem autoridade para narrar a opressão



Militantes do movimento negro que colaboraram com a pesquisa UNESCO.

“Que a pesquisa possa contar com pessoas que tenham realmente experiência, que não sejam estrangeiros que vêm estudar o problema aqui, mas pessoas que sofrem o problema na própria pele. Pessoas que sentem” (Florestan Fernandes, OBSERVAÇÃO [...], 1951, p. 541).

1.

O sociólogo francês Roger Bastide, que lecionou na USP entre 1938 e 1954, foi fundamental na formação de Florestan Fernandes. Um dos principais temas dos seus cursos e pesquisas era a sociologia do conhecimento (Bastide, 1944). Ao retornar para França, Bastide coordenou, na Sorbonne, o Laboratório de Sociologia do Conhecimento (Bastide, 1969).

Pioneiro nessa área das ciências humanas, Karl Mannheim (1986) depreende das análises marxistas do conceito de ideologia a tese de que a produção do conhecimento está vinculada à posição social da pesquisadora ou pesquisador.

Em seus textos biográficos, Florestan Fernandes resgata elementos de sua história de vida que destacam a relevância de sua posição social na elaboração de uma sociologia crítica e militante.

Até começar a estudar na USP, Florestan Fernandes fez parte dos estratos mais pobres da sociedade. Num livro sobre a educação no Brasil, Florestan Fernandes apresenta a sua posição social, nas palavras de Grada Kilomba (2019), ele apresenta o seu lugar de fala: “Tudo se passou como se eu me transformasse, de um momento para outro, em porta-voz das frustrações e da revolta de meus antigos companheiros de infância e juventude. O meu estado de espírito fez com que o professor universitário falasse em nome do filho da antiga criada e lavadeira portuguesa, o qual teve de ganhar a sua vida antes mesmo de completar sete anos, engraxando sapatos ou dedicando-se a outras ocupações igualmente degradadas, de maneira severa, naquela época” (1966a, p. XIX).

Numa entrevista, Florestan Fernandes relaciona suas experiências pessoais com suas primeiras pesquisas sobre o folclore: “Por condições da minha própria vida quando criança, do conhecimento dos bairros de São Paulo, dos contatos que eu tinha com certas pessoas, foi muito fácil para mim colher muito material” (2011, p. 29).

2.

Em seu estudo sobre os tupinambás, Florestan Fernandes encontrou elementos da cultura popular em que foi educado, tanto no âmbito de sua família, que tinha uma origem camponesa, como nas relações de amizade que cultivou nos cortiços da Bela Vista.

Nas experiências de trabalho na infância, Florestan Fernandes conheceu o companheirismo de outras crianças que também precisavam ganhar a vida nas ruas. Ele encontrou nos tupinambás uma forma de solidariedade semelhante, solidariedade que se desenvolve nos momentos em que uma comunidade enfrenta coletivamente a fome: “os que não têm nada para dividir repartem com os outros as suas pessoas” (1976, p. 144).

O conteúdo dessa frase é semelhante ao de um verso “pretuguês” do rapper Emicida (2019): “tudo que nós tem é nós”.

A pesquisa UNESCO sobre o preconceito racial em São Paulo, que coordenou com Bastide, também evocou as experiências de Florestan: “Estabeleceu-se uma base de identificação psicológica profunda, em parte por causa do meu passado, em parte por causa da minha experiência socialista prévia” (2011, p. 72).

No projeto elaborado para a pesquisa, publicado em 1951, Roger Bastide e Florestan Fernandes elencam uma série de pesquisas realizadas por pessoas negras da Escola de Chicago sobre: “as condições de ajustamento inter-racial baseadas na segregação e em uma combinação dos regimes de castas e de classes” (1959, p. 323).

A Escola de Chicago ficou conhecida por desenvolver pesquisas empíricas com o emprego de observações, entrevistas e questionários (Mitchell, 2002). Essas metodologias também foram utilizadas por Roger Bastide e Florestan Fernandes na pesquisa UNESCO.

Provavelmente, o livro que mais marcou os textos de Bastide e Florestan sobre o preconceito racial tenha sido *An american dilemma*, fruto de uma pesquisa coordenada pelo economista e sociólogo sueco Gunnar Myrdal.

Apesar de ser um intelectual branco e estrangeiro, Gunnar Myrdal teve a colaboração de diversos pesquisadores negros norte-americanos, entre os quais, Clair Drake, um dos mais importantes pesquisadores da Escola de Chicago.

3.

No início dos anos 1970, em meio à campanha nas universidades norte-americanas em defesa dos direitos dos estudantes negros (Kendi, 2012), Robert Merton (1977) sustentou que o livro de Gunnar Myrdal poderia ser uma referência para as pesquisas que visam conciliar as perspectivas de pessoas de fora (*outsider*) e de dentro (*insider*) do contexto social.

No artigo “Aprendendo com a *outsider within*”, Patrícia Collins (2016) incorpora a proposta de Robert Merton de articulação das perspectivas *outsider* e *insider*.

Desde o início de sua carreira, Florestan Fernandes utilizou a sociologia do conhecimento de Robert Merton em suas pesquisas. Em 1966, Fernandes seguiu seus seminários na Universidade de Colúmbia (Fernandes, 1966b). Na reedição de *Social theory and social structure*, publicado em 1968, Robert Merton incluiu um texto de Florestan Fernandes nas referências bibliográficas.

A pesquisa UNESCO teve dois coordenadores, Roger Bastide, um intelectual branco e estrangeiro, ou seja, um *outsider*, e Florestan Fernandes, que também era branco, mas que, nos cortiços onde morou na infância, conviveu com parte da comunidade negra da cidade de São Paulo. Por outro lado, a pesquisa contou com a colaboração *insider* de diversos militantes do movimento negro.

Alguns militantes que colaboraram com a pesquisa, como o jornalista José Correia Leite, tinham histórias de vida semelhantes à de Florestan Fernandes (Leite; Moreira, 2025).

A pesquisa UNESCO partiu da hipótese de que o preconceito racial existe e promove uma série de barreiras às pessoas negras: para terem acesso à moradia, ao estudo e ao trabalho. Isso Florestan não aprendeu nos livros. Ele conheceu essa realidade no convívio que teve com pessoas negras com quem viveu e trabalhou desde menino.

Um dos temas principais da pesquisa foi a pobreza na comunidade negra, Florestan Fernandes conhecia bem essa situação a partir de sua própria experiência pessoal.

Na Coleção Especial do Fundo Florestan Fernandes, da Biblioteca Comunitária da Universidade Federal de São Carlos, encontram-se os registros das diversas mesas de debates promovidos pela pesquisa UNESCO com militantes do movimento negro.

Numa dessas mesas, o militante e poeta Carlos de Assumpção (Silva, 2024) sustentou que: “quem melhor pode dizer sobre o preconceito é o negro, porque é ele quem o sente” (OBSERVAÇÃO[...], 1951, p. 213). Algumas semanas depois, em outra mesa de debates, Florestan reforçou essa mesma posição.

No artigo “Essencialismo e experiência”, ao se referir à biografia da indígena guatemalteca Rigoberta Menchú (Burgos, 1986), bell hooks (2013) analisa a importância e a especificidade do conhecimento construído a partir da relação entre as experiências e as paixões.

A infância humilde de Florestan lhe forneceu um lugar de fala junto às pessoas pobres, todavia, ele não poderia falar, especificamente, em nome das pessoas negras, pois não sentiu o preconceito racial na própria pele.

***Paulo Fernandes Silveira** é professor da Faculdade de Educação da USP e pesquisador no Grupo de Direitos Humanos do Instituto de Estudos Avançados da USP.

Referências

BASTIDE, Roger (1969). Prologo. In. BASTIDE, Roger; BERQUE, Jacques; CAZENEUVE, Jean; FAYE, Jean-Pierre; MEMMI,

Albert; MAUCORPS, Paul; ROUMEGUERE-EBERHARDT, Jacqueline. *Lecturas de sociologia del conocimiento*. Barcelona: Ediciones de Cultura Popular, p. 9-13.

BASTIDE, Roger (1944). A teoria sociológica do conhecimento, *Revista Sociologia*, v. 6, n. 4, 269-281.

BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan (1959). *Branços e negros em São Paulo*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

COLLINS, Patrícia (2016). Aprendendo com a *outsider within*: a significação sociológica do pensamento feminista negro, *Revista Sociedade e Estado*, v. 31, n. 1, 99-127. Disponível aqui: <https://www.scielo.br/j/se/a/MZ8tzsGrvmFTKFqr6GLVMn/?format=html&lang=pt>

EMICIDA (2019). *AmarElo*. São Paulo: Laboratório Fantasma.

FERNANDES, Florestan (2011). Entrevista: Florestan Fernandes, *TRANS/FORM/AÇÃO: Revista de Filosofia*, n. 34, 25-106. Disponível aqui: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/transformacao/article/view/1060>

FERNANDES, Florestan (1976). Em busca de uma sociologia crítica e militante. In: FERNANDES, Florestan. *A sociologia no Brasil: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento*. Petrópolis: Vozes, p. 140-212.

FERNANDES, Florestan (1966a). Prefácio. In: FERNANDES, Florestan. *Educação e sociedade no Brasil*. São Paulo: Dominus; EDUSP, p. XV-XXIII.

FERNANDES, Florestan (1966b). *Correspondência*. Destinatário: Charles Wagley, 25 jan. 1966. N° do Item documental: 09.AD.01.003. Coleção Especial do Fundo Florestan Fernandes. Biblioteca Comunitária da Universidade Federal de São Carlos (BCo/UFSCar), São Carlos.

hooks, bell (2013). Essencialismo e experiência. In: hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, p. 105-125.

KENDI, Ibram (2012). *The Black campus movement: black students and the racial reconstitution of higher education, 1965-1972*. New York: Palgrave Macmillan.

KILOMBA, Grada (2019). *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó.

LEITE, José; MOREIRA, Renato (2025). Movimentos sociais no meio negro (1910-1940), *A terra é redonda*. Disponível aqui: <https://aterraeredonda.com.br/movimentos-sociais-no-meio-negro-1910-1940/>

MANNHEIM, Karl (1986). *Ideologia e utopia* (Uma introdução à sociologia do conhecimento), Rio de Janeiro: Guanabara.

MERTON, Robert (1977). Las perspectivas de 'los de adentro' y 'los de afuera'. In: MERTON, Robert. *La sociologia de la ciencia, 1. Investigaciones teóricas y empíricas*. Madrid: Alianza Editorial, p. 156-201.

MERTON, Robert (1968). *Social theory and social structure*. New York: The Free Press.

MITCHELL, Michael (2002). Atitudes raciais: explorando possibilidades de comparação entre Brasil e Estados Unidos, *Cadernos CRH*, n. 36, 19-47. Disponível aqui: <https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/18629>

MYRDAL, Gunnar (1944). *An american dilemma: the negro problem and modern democracy*. New York; London: Harper & Brothers.

OBSERVAÇÃO em massa [situação grupal] (1951). N° do Item documental: 4531. Coleção Especial do Fundo Florestan Fernandes. Biblioteca Comunitária da Universidade Federal de São Carlos (BCo/UFSCar), São Carlos.

RIBEIRO, Djamila (2017). *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento Justificando.

SILVA, Mário (2024). Experiências sociais de ativistas da Associação Cultural do Negro (1954-1976) e a contribuição do associativismo negro paulistano para o pensamento social brasileiro, *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 89, e10721-23. Disponível aqui: <https://www.scielo.br/j/rieb/a/Dpr3xngRjT7LHvBcszrSJn/?lang=pt>

mais uma vez a confirmação do mestre Arlindo: "há caracterização do preconceito de cor e raça em São Paulo e no Brasil".

Dr. Jorge Teixeira - Deixei o adiantado da hora, só mais dois oradores farão uso da palavra. Depois, então encerraremos esta nossa reunião. Noté com a palavra o Prof. Geraldo Campos.

Prof. Geraldo Campos - Não pedi a palavra.

Dr. Jorge Teixeira - Então abento o ilustre companheiro Carlos Assunção.

O sr. Carlos Assunção - Eu quero dizer o seguinte - que algo não foi dito aqui. Parece-me que, o que acentua o preconceito em brancos é o medo. Parece-me um caso sem consistência, mais de fato tem, portanto, eu acho que branco brasileiro, tem medo de amarelar sob. Fazem, promovem um programa ministro contra o negro, contra a ascensão do negro por todos os meios. A começar da escola e também nos citamos lugares, que realmente eles não merecem ocupar. Em minha terra - para citar caso concreto - na Escola Normal, uma negrinha era a primeira aluna da classe. Era negra. Nos exames finais ela tirou a primeira nota. Sempre quem tira a primeira nota ganha de regalias: alf, além da regalia material saboreia culturalmente nos meios em que existem brancos e pretos. Então na que corria na cidade era que a negrinha passava em primeiro lugar. E todos diziam - não é possível. E tanto fizeram que acabaram fazendo passar a filha de um advogado em primeiro lugar. O público da cidade não ficou sabendo que a negrinha tinha tirado o primeiro lugar. Mas a filha do dr. Polano...

Prof. Florestan Fernandes - Seria possível V.Rcia. especificar, dizer o nome do lugar?

O sr. Carlos Assunção - Eu não posso. E depois de tudo, ficou-se sabendo, toda gente ficou sabendo, e já era tarde. E também outra coisa que eu acho que existe. É que os brancos só estão com os negros para diversão. Diversão porque ele vai se degenerando cada vez mais, e com o tempo, grande ou pequeno, tornam-se os negros mais pigmentados, porque o preconceito é por escola. Os malitos às vezes passam. Outro malito nada carregado, sobre o preconceito. Não é tão forte o preconceito para com o mulato. Na vinda à São Paulo, procurando emprego, não foi possível encontrar uma colocação onde eu pudesse agir mais a vontade, onde eu pudesse empregar o que havia adquirido. Procurei então pessoas conhecidas, de relevo que se deram uma carta de apresentação e mandaram-me à redação de um grande jornal na Capital. Eu chegando lá, logo de entrada - quem melhor sabe dizer

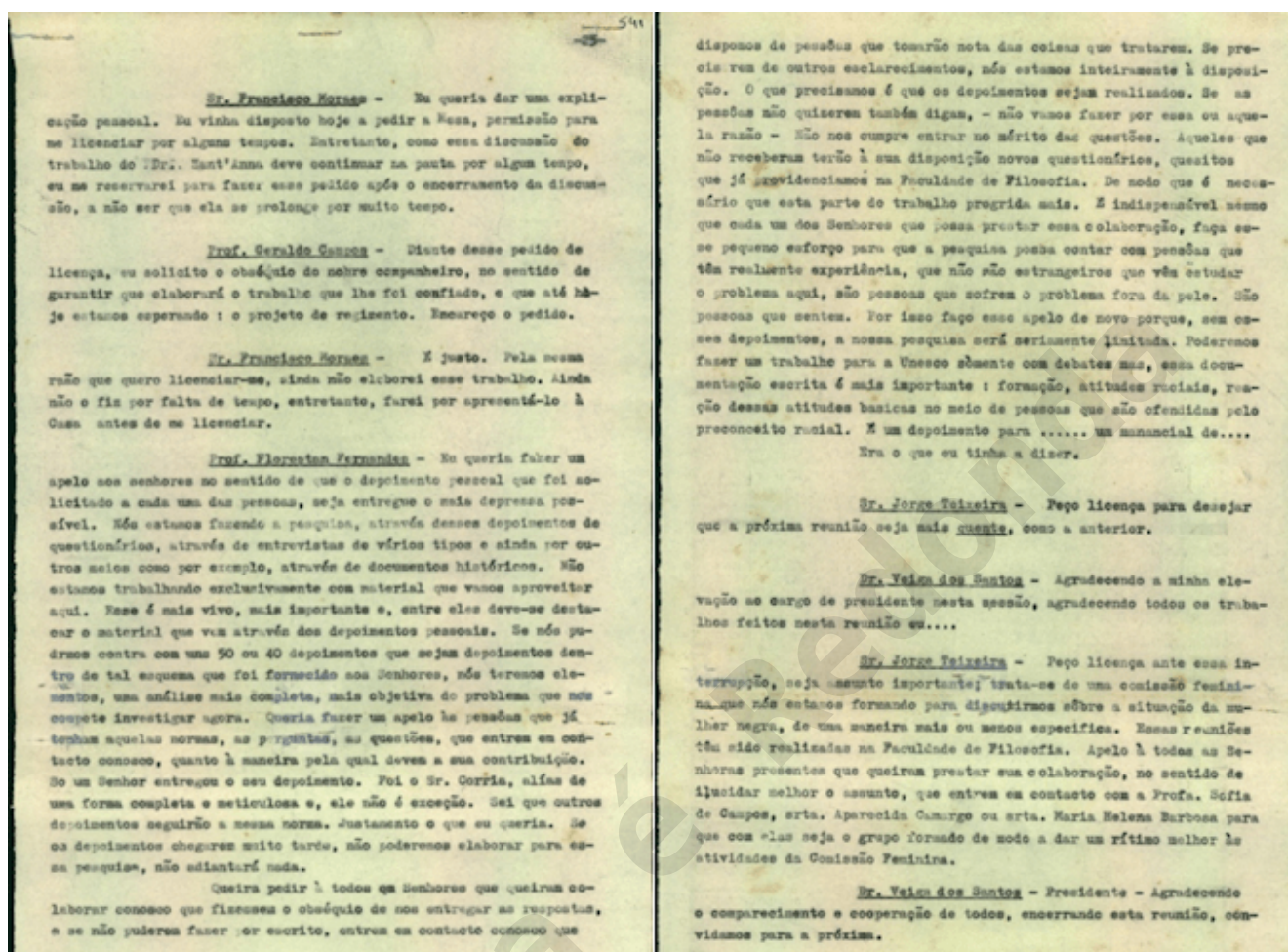
sobre o preconceito e o negro, porque é ele quem sente - o Chefe da repartição pergunta: - O que o senhor deseja? Eu respondi - Foi mandado por Fulano de tal, e soube da existência de uma vaga na revisão do jornal e sou candidato à ela (a pessoa que me mandou, tinha toda a certeza da vaga) Mas o Chefe da repartição disse-me: - Infelizmente não posso dar mais o lugar porque já foi preenchido. Como revisor, não tenho vaga, mas se o senhor quiser ser limpador, o serviço é um pouquinho duro, mas com o tempo e sr. se acostuma. A minha situação era precária e acabei aceitando. Eles acham que o único serviço para o negro é o serviço brasso, o serviço sujo. Portanto o preconceito de cor existe como já disseram os oradores que me antecederam. Devemos trabalhar mais, num trabalho mais prático, mas imediato. Enquanto nós ficamos falando se existe preconceito ou não, não fazemos nada e ficamos sofrendo da mesma forma. Eu acho que tem que ser uma coisa mais prática, um trabalho mais prático, mais imediato, portanto, a situação que nós estamos é demais dolorosa para que prosiga por muito mais tempo no mesmo pé.

Dr. Jorge Teixeira - Como para encerrar a sessão, havia dito, concederia a palavra à dois oradores e como um deles não quis fazer uso da palavra e como pediu o sr. Pellegrini, à ele está concedida a palavra, como o último orador desta noite.

O sr. Pellegrini - Vou apresentar coisa ainda não comentada e por ninguém lida ao conhecimento da Casa. Eu sou como disse o amigo Moraes, sou negro. As vezes passo por branco, conforme, ou melhor, daqueles que me aceitam com maior ou menor simpatia. Meu sobrenome Pellegrini; trabalho desde os 12 anos. Trabalho com flocos de algodão. Quando vou à casa dos fregueses, salvo algumas exceções, acontecem casos interessantes. A pessoa encarregada toma o burtão e leva para o diretor da firma. (Este ramo de negócio é muito explorado por italianos, judeus e turcos). Então quando me mandam entrar, dizem: Sr. Pellegrini? - Pois não. Bom dia... Deve haver engano. - Não senhor, Pellegrini sou eu mesmo. - O sr. me perdoe mas, interessante o seu nome Pellegrini... - Certo, obrigado!

Ficam surpresas, porquanto nessa profissão de corretores de algodão, não há propriamente pessoas jovens como eu e mesmo em se tratando da maioria, é descendente de estrangeiros. Então eu mesmo observo o seguinte: que para os colegas brancos, nunca ficam fazendo tantas perguntas como para mim. Fazem uma série de perguntas sobre o fio e o trançado, o mercado e etc. Eu então sempre tenho co-

(OBSERVAÇÃO [...], 1951, p. 213 e p. 217).



(OBSERVAÇÃO [...], 1951, p. 541 e p. 545).

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

[CONTRIBUA](#)